

Interação terapêutica e comportamento verbal em uma compreensão analítico-comportamental

Therapeutic interaction and verbal behavior in an analytic-behavioral approach

Interacción terapêutica y conducta verbal en la visión de la análisis conductual

Cassiano Marangoni ✉
Vinícius Renato Thomé Ferreira ✉✉

IMED

RESUMO

A interação terapêutica dentro da análise do comportamento (AC) é compreendida como um meio que auxilia no processo de mudança nas relações. Compreender os aspectos que constituem essa interação contribui para a terapia, aumentando a precisão da análise, sua efetividade e minimizando as rupturas e insucessos. Este artigo apresenta a interação terapêutica como recurso de modificação de comportamento a partir da AC e sua relação com o comportamento verbal. É definida e apresentada uma definição de interação terapêutica e discutido como o comportamento verbal está relacionado. Os principais operantes verbais que podem agir alterando o comportamento a partir da interação terapêutica são tato, mando, intraverbal e os autoclíticos. A alteração do comportamento verbal é uma das finalidades da interação terapêutica, alterando também comportamentos em ambiente natural. Há, portanto, uma relação íntima entre o comportamento verbal e a interação terapêutica, e a análise dessa interação permite estabelecer alterações efetivas no comportamento do cliente.

Palavras-chave: análise do comportamento, interação terapêutica, psicoterapia, comportamento verbal

ABSTRACT

The therapeutic interaction in the behavior analysis (BA) is understood as a medium that helps the process of change in behavioral relationships. To understand the aspects that make up this interaction contributes to the identification of success in therapy, increasing accuracy of analysis, its effectiveness, and minimizing failures. This article aimed to present the therapeutic interaction as behavior modification feature from the BA and its relationship to verbal behavior. A definition of therapeutic interaction is presented and discussed as verbal behavior. The main verbal operant that can act altering behavior from the therapeutic interaction are touch, command, intraverbal and autoclitics. Changing the verbal behavior is one of the purposes of therapeutic interaction, because it also changes behavior in a natural environment. Therefore, there is a close relationship between verbal behavior and therapeutic interaction, and analysis of this interaction allows establishing effective changes in client behavior.

Keywords: behavioral analysis, therapeutic interaction, psychotherapy, verbal behavior

RESUMEN

La interacción terapéutica en el análisis del comportamiento (AC) se entiende como un medio de ayuda en el proceso de cambio en la relación, y comprender los aspectos que conforman esta interacción contribuye a la terapia, lo que aumenta la precisión del análisis, su eficacia y la interrupción minimizando y fracasos. En este artículo se presenta la interacción terapéutica como función de la modificación del comportamiento de la AC y su relación con el comportamiento verbal. Una definición de la interacción terapéutica y discutido como el comportamiento verbal se relaciona se define y se presentan. La principal operante verbal que puede actuar cambiando el comportamiento, de la interacción terapéutica, son tacto, comando, intraverbal y autoclítico. Cambio del comportamiento verbal es uno de los efectos de la interacción terapéutica, también el cambio de comportamiento en el entorno natural. Por lo tanto, existe una estrecha relación entre el comportamiento verbal y la interacción terapéutica, y el análisis de esta interacción permite establecer cambios efectivos en el comportamiento del cliente.

Palabras clave: análisis del comportamiento, interacción terapéutica, psicoterapia, conducta verbal

Na psicologia, as compreensões a respeito dos processos de interação terapêutica entre terapeuta e cliente variam devido à multiplicidade de orientações teóricas, sendo influenciadas pela caracterização das predeterminações, papéis de cada um na sessão, concepção de neutralidade na interação e até mesmo as simples aplicações de técnicas. As pesquisas referentes aos processos de interação terapêutica iniciaram com a tentativa de identificar as relações entre os eventos que ocorrem durante a psicoterapia, visando a compreender as regularidades desse processo para operacionalizar e

categorizar o comportamento. Na identificação desses padrões, é imprescindível levar em consideração tanto os comportamentos dos clientes como os do terapeuta, e essa mútua influência constitui em grande parte o processo de interação, conforme, por exemplo, os trabalhos de Zamignani (2007), Almeida (2009), Juliani et al. (2011) e Fogaça, Bolsoni-Silva e Meyer (2014).

A interação terapêutica ocorre durante todo o processo psicoterápico, independente de linha teórica, e é reconhecida como fundamental para

minimizar rupturas na terapia e aumentar a precisão e eficiência do processo psicoterápico (Peuker, Habigzang, Koller, & Araujo, 2009). Na Análise do Comportamento (AC), constitui-se como uma das bases de qualquer procedimento clínico (Meyer, Oshiro, Donadone, Mayer, & Roosevelt, 2008). No cenário da interação clínica, a interação terapêutica se estabelece entre dois ou mais indivíduos de forma predominantemente verbal, contribui para a formação do vínculo, tornando-se um campo de aprendizagem e uma poderosa fonte de reforços para modelagem e desenvolvimento de novos comportamentos. Para o analista do comportamento, ela auxilia a identificar respostas (comportamentos) ou classes de respostas que, se alteradas, podem provocar mudanças, sendo um dos elementos principais em terapia, buscando com isso fazer relações entre ambiente e comportamento (Meyer et al., 2008; Skinner, 2003).

Considerando-se a relevância da interação terapêutica para a AC, este trabalho teve por objetivo a realização de um estudo teórico da interação terapêutica considerando-se especialmente o comportamento verbal como a principal fonte para seu entendimento, visto que esse é o comportamento mais frequente em terapia. Para isso, serão discutidos alguns conceitos básicos para a AC e suas relações com a interação terapêutica, buscando expor variáveis que são trabalhadas, possibilitando assim identificar e operar contingências que auxiliam na precisão da análise e produção de mudanças comportamentais. Em seguida, é apresentado o comportamento verbal como é entendido pela AC; finalmente, é proposta uma relação entre a interação terapêutica e o comportamento verbal baseado em algumas pesquisas conduzidas.

A ANÁLISE DO COMPORTAMENTO E A INTERAÇÃO TERAPÊUTICA

Para produzir a compreensão da interação terapêutica dentro da AC, é necessário apresentar alguns conceitos básicos de investigação que

compõem esta ciência. A AC pode ser entendida em três grandes áreas: o Behaviorismo Radical (BR), que é a filosofia da AC, está baseado no pragmatismo filosófico e tem a investigação científica orientada pelas compreensões funcionais e práticas do comportamento (Abib, 2001; Skinner, 2003); a Análise Experimental do Comportamento (AEC), parte empírica, que se destaca por sua metodologia de investigação, que utiliza principalmente o delineamento de sujeito único e visa observar e analisar todas as variáveis possíveis do comportamento de forma detalhada, com a vantagem de produzir qualidade e precisão a respeito da observação de determinado comportamento e suas contingências (no caso do comportamento operante, as contingências são a relação entre o estímulo, a resposta comportamental e as consequências do comportamento sobre o ambiente e sobre o organismo) (Sampaio et al., 2008; Sidman, 1976; Tourinho, 1999); bem como a Análise Aplicada do Comportamento (AAC), parte da AC que sistematiza intervenções em clínica, escola, organizações, esporte dentre outros, com objetivo de buscar resultados práticos com exigência ética necessária para produção de conhecimento (Carvalho-Neto, 2002). Essas áreas não existem de forma independente, mas necessitam umas das outras para sua produção e desenvolvimento. Dessa forma, a AC pode ser entendida como a interação dinâmica entre essas três áreas de investigação e aplicação.

De forma geral, a AC adota uma postura determinista no sentido dado por Laurenti (2008), que entende que é possível determinar causas do comportamento, e isso envolve o fato de que todas as interações e comportamentos, por serem determinados, estão sob o controle de uma ou mais variáveis. Essa visão produz muitas reações por parte do senso comum, pois uma das propostas das ciências é de formular regras gerais até mesmo para o comportamento humano, e, em um primeiro momento, o conceito de determinismo pode ferir o

conceito de liberdade. A ciência objetiva produzir uma precisão e previsibilidade maior sobre determinado fenômeno, pois atua justamente com o controle desse fenômeno (Sidman, 2009; Skinner, 2003). O comportamento sempre é controlado, mas isso não significa que não haja escolha: pode-se avaliar o ambiente e optar por quais variáveis o comportamento ficará sob influência. Por isso a importância em identificar os antecedentes e as consequências do comportamento, visto que é somente expondo essas variáveis que é possível produzir autoconhecimento e sujeitos com mais opções para planejar seu presente e seu futuro (Laurenti, 2009; Skinner, 2001; Serio, 2001; Sidman, 2009). Portanto dizer que o comportamento é determinado e controlado não significa dizer que ele é estático, mas, sim, dizer que as variáveis que o controlam precisam ser conhecidas para que, dessa forma, possam ser modificadas, alterando por consequência o próprio comportamento.

Dos conceitos da AC, a seleção por consequências é um dos fundamentais, pois explica o comportamento como um fenômeno natural que varia conforme o ambiente, aumentando ou diminuindo suas ocorrências em virtude dos resultados. A seleção do comportamento ocorre em três níveis: o filogenético, que são as características hereditárias, geneticamente passadas de geração a geração e que se pode chamar também de “predisposições” (os reflexos podem ser entendidos como um exemplo de seleção filogenética); o ontogenético, que é a história de seleção operante de um determinado organismo, ocorrendo principalmente nas interações sociais (por exemplo, os comportamentos aprendidos dentro das relações familiares durante a infância); bem como a cultural, que evoluiu com práticas que contribuem para o sucesso de algum grupo social (que pode ser definida como as normas sociais e culturais de um grupo de pessoas). Essa última seleção é algo típico da espécie humana, sendo que as práticas culturais

são transmitidas por uma comunidade verbal (Skinner, 2007).

A tríplice contingência (TC) é também um conceito central na AC, consistindo na sua unidade básica. Com a TC, é possível identificar as variáveis nos processos na interação terapêutica, e pode ser definida como as relações entre os eventos que podem aumentar ou diminuir a probabilidade de ocorrência de um determinado comportamento (Skinner, 2003; Todorov, 2007). As contingências sempre devem especificar três termos: os estímulos ambientais que antecedem ou geram a resposta (antecedente ou estímulo, Sd), a resposta propriamente dita (o comportamento, R) e suas consequências (reforço positivo Sr+, reforço negativo, Sr-, punição negativa, P-, punição positiva, P+). Identificar cada termo permite compreender as variabilidades comportamentais em terapia tanto dos comportamentos adaptados quanto dos comportamentos associados a sofrimento. Os processos de punição (P) e aversão (Sr-) têm grande relevância, pois ocorrem em vários ambientes e relações da vida das pessoas. No contexto terapêutico, esses processos correspondem a grande parte do repertório comportamental apresentado, visto que muitos dos problemas da vida cotidiana surgem em virtude da história de aprendizagem por métodos punitivos para controlar situações e aceitar condições aversivas. A punição é eficaz para a redução momentânea de comportamento, mas processos punitivos em médio e longo prazo sempre trarão consequências que geralmente são prejudiciais para o indivíduo pela geração de emoções aversivas, aumentando comportamento de fuga e esquiva, gerando ansiedade, suprimindo comportamentos adaptados e, finalmente, acabam por não ensinar nenhuma forma melhor de agir. A escolha da punição como meio de controle é sempre o pior caminho a ser tomado (Sidman, 2009; Skinner, 2003).

A compreensão sobre como os processos de punição ocorreram ao longo da história da pessoa (seleção ontogenética) é essencial para o entendimento dos sintomas apresentados atualmente. No processo terapêutico, é possível identificar alguns comportamentos que, antes suprimidos por punição, começam a emergir motivados por um novo contexto de acolhimento. Esse clima de abertura permite que pensamentos e emoções que não são normalmente expressos sejam manifestados sem serem punidos pelo terapeuta. Para a AC, pensamentos e sentimentos são definidos também como comportamentos, sendo eventos privados, que fazem parte do organismo como um todo, mantiveram-se em uma história de evolução da espécie humana e estão sob as mesmas condições naturais que qualquer outro tipo de comportamento. Dessa forma, esses comportamentos privados foram selecionados e mantidos pelas suas consequências, sem necessariamente possuírem algum caráter ou natureza em especial (Skinner, 1991; Skinner, 1987; Serio, 2001, Tourinho, 2009). A expressão dos eventos privados – pensamentos e sentimentos – permite compreender as cadeias de eventos que ocorreram no passado para o estabelecimento do comportamento e dá indicadores sobre o que pode ser feito para a modificação dessas contingências.

Todos esses aspectos fazem parte de uma análise funcional do comportamento que ocorre continuamente na terapia (Neno, 2003). Existem muitos desdobramentos da proposta analítico funcional do comportamento para compreensão das interações humanas, todas visando a identificar sutilezas nos processos comportamentais que fazem parte das interações humanas. A complexidade da análise funcional do comportamento deve-se em grande parte às multideterminações que acompanham os comportamentos, e essas múltiplas fontes de controle afetam principalmente o comportamento verbal, que tem como função

integrar e relacionar o homem em sociedade (Meyer et al., 2008; Passos, 2003).

A interação terapêutica pode ser entendida como todo o processo que ocorre no *setting* psicoterápico, onde terapeuta e do cliente estão interagindo com a finalidade de obter melhoras clínicas. Isso é possível porque, no processo de comunicação entre terapeuta e cliente durante a terapia, o terapeuta visa a compreender o histórico de condicionamento estabelecido na vida do cliente e, a partir desse conhecimento, utilizará de variáveis que estão ao seu alcance para alterar o comportamento do cliente (Skinner, 2003). As principais estratégias de compreensão do comportamento são as descrições verbais de tal comportamento, que ocorrem, portanto, por meio do comportamento verbal.

O COMPORTAMENTO VERBAL

A terapia analítico-comportamental (TAC) foi compreendida por muito tempo como apenas a aplicação de técnicas para mudança de comportamentos. No entanto foi observado que somente a aplicação dessas técnicas não era suficiente para se obter alcance e resultados esperados, gerando algumas dúvidas sobre sua eficiência. Dessa forma, procurou-se identificar outras características e variações que influenciariam o processo terapêutico (Kerbaux, 1981). Uma das formas de compreender como ocorre o processo de interação terapêutica parte da análise do comportamento verbal.

O ponto de partida mais relevante para o estudo do comportamento verbal foi iniciado em 1957 por Skinner com a publicação do livro *Verbal Behavior*, introduzindo uma nova forma de tratar os fenômenos da linguagem (Skinner, 1978). Nessa obra, Skinner cunhou o termo “comportamento verbal” para que sua proposta não fosse confundida com os termos de outras vertentes do campo (Bandini, 2009). Skinner propôs que a compreensão

do comportamento verbal tem grande importância para análise da interação terapêutica, pois esse comportamento afeta o ambiente e os indivíduos que o compõem. A compreensão do comportamento verbal tem como finalidade entender funcionalmente as interações entre falante e ouvinte. Assim a linguagem torna-se a emissão em ambientes particulares de comportamentos verbais que agem como variáveis independentes (estímulos) visando a controlar outros comportamentos. Portanto o comportamento verbal é passível de observação e manipulação, permitindo a verificação das relações de controle (contingências) e a instalação de novos repertórios verbais (Hübner, 2012; Passos, 2003; Skinner, 1978).

O comportamento verbal segue os mesmos princípios básicos do comportamento operante, sendo selecionado e mantido pelas suas consequências: ele altera o ambiente e, igualmente, é alterado pelo contexto, além de ocorrer sempre entre um falante e um ouvinte dentro de uma comunidade verbal devidamente treinada (Abreu & Hübner, 2012; Barros, 2003; Skinner, 2001). O modelo de Skinner sobre o comportamento verbal busca esclarecer e destacar que nada é transmitido de um sujeito para o outro sem uma determinação aparente, e que o “significado” do que é falado só pode ser encontrado nas relações do indivíduo com o seu ambiente. Nessa concepção, o falante pode ser ouvinte ao mesmo tempo e também ouvinte de si mesmo, configurando-se também como uma audiência (Passos, 2007; Simonassi & Cameschi, 2003). Quando há comunicação, pode-se dizer que ocorreu um “episódio verbal”.

A linguagem possui algumas particularidades e variações, e, mesmo que essas ocorram por condicionamento operante, podem vir a ser evocadas de forma arbitrária. Isso ocorre porque, no comportamento verbal, ocorre equivalência de estímulos, que quer dizer que a linguagem “substitui” o objeto por um determinado conjunto

de sons (no caso da fala) ou signos (no caso da escrita). Essa equivalência significa que o objeto é igualado, identificado ao estímulo (verbal e/ou escrito), passando a apresentar intercâmbio entre si: um torna-se o outro (Sidman, 2000; Nelson, 2001), e novos comportamentos verbais ficam sobre o controle de outros antecedentes sem necessariamente ocorrer um treino direto. Essa equivalência formaria novas classes pela transferência de funções do próprio comportamento. Por vezes, basta ensinar algumas relações de equivalências que novos tipos de comportamentos poderão emergir em ambientes variados (Hübner, 2001). Esse seria um dos mecanismos que modelam comportamentos e, por consequência, a comunicação e o aprendizado de novos conceitos. Portanto, quando em terapia o paciente fala sobre o que lhe acontece no dia a dia, de bom e de ruim, a narração ao terapeuta é um comportamento verbal equivalente, no sentido acima, aos eventos do ambiente: as palavras representam estímulos e comportamentos (Hübner 2006; Moreira, Todorov, & Nalini, 2006; Sidman, 2000; Sidman & Tailby, 2006).

Os repertórios verbais, por sua complexidade, operam de forma sutil, e, por vezes, seus elementos podem passar despercebidos. A modelagem dos comportamentos verbais tem grande potencial de alterar também os comportamentos não verbais e os manter por contingências naturais, que são relações entre os comportamentos diretamente reforçados ou fortalecidos, assim tornando o cliente sensível e aumentando a probabilidade de mudança. Em outras palavras, quando há mudança no discurso do cliente, é possível inferir que estejam também ocorrendo alterações nos comportamentos que produzem contingências para as interações de maneira geral (Catania, 1999; Hübner, 2001): estima-se que essa alteração no discurso do cliente seja um indicador de que ocorra uma mudança em seu comportamento.

Para produzir alterações no comportamento verbal na interação terapêutica, é necessário identificar alguns padrões baseados nas relações funcionais. Assim a AC dispõe da descrição e sistematização das chamadas categorias funcionais dos operantes verbais, que são unidades que descrevem contingências e auxiliam na análise dos relatos. As categorias de Skinner do comportamento verbal são: ecoar, copiar, tomar ditado, tatear, mandar, ler, intraverbalizar e os autoclíticos. No contexto clínico de interação terapêutica, os operantes verbais tato, mando, intraverbal e autoclíticos são os mais frequentes (Skinner, 1978). Os operantes verbais, em especial, são importantes para a interação terapêutica, podendo ser identificados separadamente e também treinados e modelados (Souza & Brino, 2005). Eles são unidades de análise que podem contribuir para identificação das sutilezas dos relatos e também auxiliar na operacionalização das variáveis da interação terapêutica. Embora todos os operantes mencionados sejam importantes, a literatura analítico-comportamental menciona de forma especial os tatos, mandos, intraverbais e o autoclítico.

O operante verbal tato é um comportamento verbal evocado diante um objeto, acontecimento ou alguma propriedade do objeto que está sobre o controle de eventos do passado e tem, de certa forma, a função de descrever propriedades desse estímulo. O tato apresenta uma relação funcional com o estímulo, aumentando a probabilidade de uma determinada resposta, e coloca o ouvinte em contato com eventos passados a que somente o falante tem acesso. Por exemplo, na presença de um copo com algum líquido, o sujeito diz “aquilo é água”, ou na presença de algo aversivo, fala “eu não gosto disso”; ao emitir esses comportamentos verbais, o tato indica que a pessoa está sob o controle de estímulos antecedentes e passados (Barros, 2003; Skinner, 1978). Os tatos permitem,

de forma indireta, identificar vários aspectos culturais do ambiente e histórico ao qual o sujeito foi exposto e em que vive. Uma grande parte dos repertórios de tatos é desenvolvida desde a infância, como no reforço da mãe com um sorriso ou carinho sempre quando a criança emite o tato “*mãe*”, ou a emitir “*cachorro*” na presença de animais com quatro patas mesmo sendo outro animal (Passos, 2003; Juliani et al., 2011). Observa-se, na clínica, que grande parte dos tatos é distorcida, ou seja, respostas verbais que podem acontecer sem ter uma correspondência adaptada com as contingências de controle, que podem estar contribuindo para gerar sofrimento porque o sujeito pode aumentar, inverter ou não corresponder seus tatos aos fatos ocorridos. De qualquer forma, seja de maneira adaptada ou não, os tatos estão sempre ancorados nos eventos reforçadores do passado desse sujeito e que modelaram a sua linguagem pelas experiências (Skinner, 1978).

Mandos são operantes verbais derivados de “comando” ou “desmando”, têm a conveniência de serem breves e objetivam produzir rapidamente um comportamento no ouvinte, visando a alterar comportamentos, diminuir ou extinguir estados de privação de comportamentos (Barros, 2003). Sendo um operante verbal que atua na resposta que é reforçada (comportamento), o mando tem por característica o controle funcional de condições de aversão, privação e punições. Mandos são comportamentos de emissão ou solicitação de ordens, pedidos, perguntas, como “olhe” ou “venha cá”, referenciando tanto o comportamento do falante como o do ouvinte (Skinner, 1978). Nem sempre o mando é explícito; em grande parte das interações verbais, o mando pode ocorrer de forma disfarçada, quando o sujeito, em uma situação de possível punição, solicita algo ao ouvinte de forma indireta. Por exemplo, quando no local está muito quente, e ao invés de solicitar que alguém ligue o ar condicionado, o falante diz “como está calor aqui

dentro”. O ouvinte, após isso, vai para uma janela e a abre com o objetivo de reduzir o calor da sala. Os mandos disfarçados são úteis porque têm menor chance de gerar uma punição para o falante (é mais difícil de ouvir um “não” em um mando disfarçado do que em um mando explícito), pois não especificam a consequência “desejada”. Sujeitos com históricos amplos de controle por aversão possuem um repertório grande de mandos disfarçados, frequentemente substituindo os mandos diretos (solicitações) (Medeiros, 2002; Skinner, 2001).

O operante intraverbal permite uma organização da linguagem e do comportamento verbal visto que, por meio dele, ocorre a formação de categorias de comportamentos, sendo controlado por um estímulo verbal e mantido por reforços sociais. É um exemplo de intraverbal quando alguém pergunta “Como vai?” e obtém como resposta “Tudo bem”: não há uma ligação direta e obrigatória entre a resposta e o estímulo, mas o estímulo (a pergunta) do falante produz a resposta emitida pelo ouvinte (Skinner, 1978; Vieira-Santos & Souza, 2007). Em uma conversa qualquer, o operante intraverbal ocorre de forma frequente, sendo amplamente modelado pela comunidade verbal (cultura, sociedade).

Finalmente, o operante verbal autoclítico tem uma importância em particular para interação terapêutica, pois, com ele, o falante pode indicar os comportamentos emitidos por ele mesmo, que está emitindo e os que emitirá. O autoclítico também indica capacidades pessoais por meio da entonação da voz (comportamento) e especifica condições motivacionais ou emocionais. Esse operante verbal aumenta a assimilação de estados do comportamento, dando a força e adequação da resposta que seguirá, como “eu juro”, “sinto que”, “estou feliz em dizer”, enfatizando a interação do falante com o ouvinte (Hübner, 2001). Analisar tais sutilezas desse operante e detectar diferenças no comportamento verbal na interação terapêutica é ter

uma fonte adicional de dados que controlam o comportamento (Almeida, 2009). A fala do cliente em terapia não deve ser alvo somente de controle do terapeuta, mas ela é também uma rica fonte de dados sobre os comportamentos dos clientes em situações específicas de controle (Hübner, 2001).

O PAPEL DOS OPERANTES VERBAIS NA CLÍNICA

Na clínica psicológica, é essencial efetuar a análise do comportamento verbal e, de forma especial, a análise dos operantes verbais, visto que as interações entre cliente e terapeuta são predominantemente verbais. Nas interações clínicas, o comportamento verbal pode ser considerado o maior recurso terapêutico para proporcionar mudanças e contribuir para permanência de novos repertórios ao longo do tempo (Vieira & Britto, 2009). Interagir é emitir comportamentos e operantes verbais com o objetivo de manter, alterar e produzir novos repertórios comportamentais. A mudança dessas novas formas de agir ocorre essencialmente pela modelagem de comportamentos verbais, que altera comportamentos verbais e não verbais, pois, na medida em que essa interação vai se desenvolvendo, novas contingências vão sendo estabelecidas (Catania, 1999). A modificação dos comportamentos em terapia só é possível com a identificação das contingências nos episódios verbais.

As intervenções verbais (episódios verbais) geradas na interação terapêutica possuem múltiplos objetivos; permitem: a descrição do comportamento do cliente com a identificação de estímulos discriminativos (motivadores, tato, quando o paciente narra o seu dia a dia); a compreensão do comportamento emitido (mandos, intraverbal, quando o paciente comenta o que fez e o que pensou); a identificação das consequências associadas (reforços positivos, negativos e punições, também pela narrativa de estímulos); o levantamento de estratégias que já foram ou não utilizadas para a modificação do comportamento

(análise de estímulos discriminativos, tato, pela descrição do comportamento); a escolha de uma proposta de ação (comportamento operante); além da identificação de como esse processo que ocorreu é declarado e percebido pelo sujeito (autoclítico, o que pensou em fazer, o que fez e quais foram as consequências). Portanto a análise do comportamento verbal é fundamental para a compreensão do comportamento e para o estabelecimento das metas terapêuticas (Skinner, 1978).

Os operantes verbais, no contexto da terapia, são indicadores sobre como o comportamento do cliente está condicionado e como está o processo de alteração desse comportamento em direção a comportamentos mais funcionais. A emissão em alta frequência de tatos na interação terapêutica pode ser algo positivo, podendo indicar que o cliente consegue entrar em contato com grande número de variáveis antecedentes ao seu próprio comportamento (Kohlenberg & Tsai, 2001). A análise dos mandos permite a identificação dos produtos e subprodutos comportamentais da história de vida do cliente, intervindo em alguns mandos que estão produzindo instabilidade nas interações deste com o ambiente (Medeiros, 2002; Kohlenberg & Tsai, 2001). A análise e a modificação dos operantes intraverbais são muito importantes porque permitem um ajuste na linguagem do cliente que alterará as consequências (reforços e punições) na comunidade verbal (Skinner, 1978; Vieira-Santos & Souza, 2007). Quando ocorrem alterações dos autoclíticos devido ao processo psicoterápico, pode-se começar a produzir no cliente uma melhor seleção de consequências com uma melhor capacidade de adaptação e ajuste em relação ao meio (Skinner, 1978).

Na interação terapêutica, o comportamento verbal do terapeuta deve favorecer um clima de não punição do comportamento do cliente, visando a ser uma escuta que não reproduza contingências de punição semelhantes ao que ocorre no ambiente do cliente fora da terapia e a gerar um entendimento

sobre quais elementos estão encadeados na emissão de punições pelo ambiente e pelo próprio sujeito. Isso contribui para a criação de um vínculo, aceitação do cliente para com a terapia e o estabelecimento de confiança, pois, ao não punir o comportamento do cliente, o terapeuta estará servindo como um estímulo discriminativo para a emissão de comportamentos verbais (relatos) por parte do cliente. Sem os elementos punidores, a probabilidade de relatos e engajamento em terapia aumenta (Medeiros, 2002).

Ter a certeza de que foram consideradas na análise da interação terapêutica todas as possíveis variáveis relevantes ao comportamento é fundamental (Skinner, 2001), embora nem sempre isso seja possível, o que pode vir a dificultar o trabalho de descrição e modificação das contingências na terapia. A presença dessas dificuldades não significa necessariamente uma limitação, pois, mesmo que alguns relatos não sejam fidedignos à contingência, devem-se levar em consideração exatamente as multideterminações dos comportamentos e suas funções. Portanto uma análise nunca será suficientemente incorreta ou correta, apenas menos ou mais precisa, e a análise dos prováveis controles funcionais nos relatos dos clientes é o mais importante a ser observado em terapia (Meyer et al., 2008).

PESQUISAS SOBRE O COMPORTAMENTO VERBAL E A INTERAÇÃO TERAPÊUTICA

A pesquisa e a clínica na AC estão intimamente relacionadas, e é fundamental compreender como os comportamentos verbais ocorrem na sessão, bem como sua função na descrição e na alteração do comportamento. Com o objetivo de desenvolver um sistema de categorização de comportamentos na sessão clínica, Zamignani (2007) criou um sistema de três eixos de análise: o eixo I visou a identificar o comportamento verbal da interação terapêutica, avaliando o tom emocional e gestos ilustrativos; o eixo II visou identificar os temas abordados na sessão, identificando o tempo no qual o assunto é

abordado e como esse tema é conduzido; por fim, o eixo III avaliou as respostas motoras do cliente. Esse sistema apresentou um elevado valor Kappa de concordância (entre 0,73 e 0,84), indicando ser um promissor método de avaliação do comportamento verbal na interação terapêutica.

Variáveis como a empatia, as orientações terapêuticas e as interpretações fornecidas pelo terapeuta em relação ao comportamento do cliente foram estudadas por Fogaça et al. (2014). O comportamento verbal é essencial para a identificação de como a interação terapêutica está ocorrendo, dando os indicadores sobre como a empatia (expressões de afeto na interação terapêutica), a interpretação (explicação sobre o comportamento) e a orientação (as possibilidades de mudança do comportamento) estão ocorrendo e qual a influência dessas variáveis sobre a modificação do comportamento do cliente. Sem a compreensão do comportamento verbal do cliente, não é possível compreender as variáveis que estão implicadas na manutenção do comportamento.

Na análise da interação do comportamento verbal entre um cliente e um terapeuta, Juliani et al. (2011) avaliaram o tipo de resposta verbal emitida durante as sessões (por exemplo, se eram tatos ou mandos) e qual sua função na descrição e manutenção do comportamento. A análise de episódios verbais forneceu indicadores relevantes sobre se as intervenções clínicas estavam sendo eficientes, bem como deram elementos para o ajuste na condução terapêutica. A análise do comportamento verbal nessas interações terapêuticas permitiu a identificação das variáveis controladoras do comportamento, ao mesmo tempo em que se constituíram elementos para o trabalho clínico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A interação terapêutica é o conjunto dinâmico de relações de comportamento entre cliente e terapeuta que se estabelece no *setting* psicoterápico. Para a AC, essa interação é a ferramenta pela qual o

terapeuta compreende e intervém nos comportamentos do cliente visando à melhora clínica e ao alívio dos sintomas comportamentais. Para que isso ocorra, é necessária a compreensão do comportamento verbal do cliente, porque é por meio desse entendimento que será possível compreender as contingências de sua história de vida e propor as modificações comportamentais. O comportamento verbal, por meio das relações de equivalência, representa o que acontece ao paciente, seja por seus comportamentos, seja pelos estímulos com os quais o paciente está interagindo.

Para que se compreenda o comportamento do cliente, incluindo o comportamento verbal, os operantes verbais precisam ser conhecidos. Os principais operantes utilizados na interação terapêutica são o tato, o mando, o intraverbal e o autoclítico. No momento em que o cliente interage com o terapeuta, esses operantes verbais são conhecidos e, por meio da interação estabelecida, podem ser modificados. Com isso, pelo processo de equivalência de estímulos, as alterações no comportamento verbal do cliente podem oferecer as modificações comportamentais fora do *setting* terapêutico, e, dessa forma, é produzida a melhora clínica.

O processo terapêutico é complexo, pois há interação de inúmeras variáveis e suas respectivas consequências, muitas das quais estão fora do campo de ação do terapeuta. Nesse cenário, a análise da interação verbal por meio dos operantes verbais contribui para a formação, construção, manutenção e manipulação de comportamentos que alteram os padrões e formas de agir, aumentando a assimilação dos eventos, e, assim, produzindo relações entre os determinantes e consequentes dos comportamentos. A adequada compreensão dos operantes verbais na interação terapêutica evita ineficiências metodológicas, práticas e aplicadas devido a imprecisões na avaliação do comportamento, gerando perda de objetivo terapêutico, impossibilidade de descrição e, até

mesmo, podem gerar piora de alguns quadros. Isso ocorre em grande parte devido a problemas na observação e na identificação dos motivadores e das consequências geradas pelos comportamentos. Portanto é possível, tanto para o terapeuta como para o cliente, exercer controle mútuo dos comportamentos que serão usados como a maior ferramenta de intervenção do terapeuta. O comportamento verbal e seus operantes são fundamentais para modelar e produzir com sucesso novos repertórios, construindo formas mais efetivas para o desenvolvimento de contingências, promovendo a saúde e aumentando a qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

- Abib, J. A. D. (2001). Behaviorismo radical como pragmatismo na epistemologia. In H. J. Guilhardi, M. B. B. P. Madi, P. P. Queiroz, & M. C. Scozs (Eds.), *Sobre comportamento e cognição* (Vol. 8, pp. 158-161). Santo André: Esetec.
- Abreu, P. R., & Hübner, M. M. C. (2012). O comportamento verbal para B. F. Skinner e para S. C. Hayes: Uma síntese com base na mediação social arbitrária do reforçamento. *Acta Comportamentalia*, 20(3), 367-381.
- Almeida, P. E. M. (2009). *Comportamento verbalmente controlado: Uma análise do efeito de operantes verbais autoclíticos sobre o comportamento de escolha* (Doctoral dissertation). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, SP. doi:10.11606/T.47.2009.tde-27112009-094423
- Bandini, C. S. M. (2009). *A geratividade do comportamento verbal: Divergências entre as propostas de B. F. Skinner e N. Chomsky* (Doctoral dissertation). UFSCar, São Carlos.
- Barros, R. D. S. (2003). Uma introdução ao comportamento verbal. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 5(1), 73-82.
- Carvalho Neto, M. B. (2002). Análise do comportamento: Behaviorismo radical, análise experimental do comportamento e análise aplicada do comportamento. *Interação em Psicologia*, 6(1), 13-18. doi:10.5380/psi.v6i1.3188
- Catania, A. C. (1999). *Aprendizagem: Comportamento, linguagem e cognição*. Porto Alegre: Artmed.
- Fogaça, F. F. S., Bolsoni-Silva, A. T., & Meyer, S. B. (2014). Interação terapêutica: Considerações sobre os efeitos dos comportamentos de empatia, interpretação e orientação. *Acta Comportamentalia*, 22(2), 218-226.
- Hübner, M. M. C. (2001). Comportamento verbal e prática clínica. In R. A. Banaco (Ed.), *Sobre comportamento e cognição: Aspectos teóricos metodológicos e de formação em análise do comportamento e terapia cognitiva* (pp. 343-350). Santo André: Esetec.
- Hübner, M. M. C. (2006). Controle de estímulos e relações de equivalência. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 8(1), 95-102.
- Hübner, M. M. C.; Moreira, M. B. (2012). *Temas clássicos da psicologia sob a ótica da análise do comportamento*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Juliani, J., Garcia, M. R., Athayde Neto, C. A., Massabki, C. A., Selletti, L. G., & Arndt, M. F. C. (2011). Episódios verbais como instrumento para a análise da relação terapêutica. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 13(3), 16-33.
- Kerbauy, R. R. (1981). Mudaram as técnicas ou os terapeutas? *Ciência e Cultura*, 33(8), 1077-1088.
- Kohlenberg, R. J., & Tsai, M. (2001). *Psicoterapia analítica funcional*. Santo André: Esetec.
- Laurenti, C. (2008). Determinismo, probabilidade e análise do comportamento. *Temas em Psicologia*, 16(2), 171-183.

- Laurenti, C. (2009). Criatividade, liberdade e dignidade: Impactos do darwinismo no behaviorismo radical. *Scientiae Studia*, 7(2), 251-269. doi:10.1590/s1678-31662009000200006
- Medeiros, C. A. de. (2002). Comportamento verbal na terapia analítico-comportamental. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 4(2), 105-118.
- Meyer, S. B., Oshiro, C., Donadone, C., Mayer, R., C., F., & Roosevelt, S. (2008). Subsídios da obra *Comportamento Verbal* de B. F. Skinner para a terapia analítico-comportamental. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 10(1), 105-118.
- Moreira, M. B., Todorov, J. C., & Nalini, L. E. G. (2006). Algumas considerações sobre o responder relacional. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 8(2), 192-211.
- Neno, S. (2003). Análise funcional: Definição e aplicação na terapia analítico-comportamental. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 5(2), 151-165.
- Nelson, T. (2001). *A noção de significado em B. F. Skinner e em M. Sidman* (Master's thesis). Universidade Federal do Pará, Belém.
- Passos, R. F. (2003). A análise funcional do comportamento verbal em *Verbal Behavior* (1957) de B. F. Skinner. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 5(2), 195-213.
- Passos, R. F. (2007). A definição skinneriana de comportamento verbal e a arbitrariedade do signo linguístico. *Temas em Psicologia*, 15(2), 269-282.
- Peuker, A. C., Habigzang, L. F., Koller, S. H., & Araujo, L. B. (2009). Avaliação de processo e resultado em psicoterapias: Uma revisão. *Psicologia em Estudo*, 14(3), 439-445. doi:10.1590/s1413-73722009000300004
- Sampaio, A. S., Azevedo, B. F., Cardoso, L. D. R., Lima, C., Pereira, B. R., & Andery, P. A. (2008). Uma introdução aos delineamentos experimentais de sujeito único. *Interação em Psicologia*, 12(1), 151-164. doi:10.5380/psi.v12i1.9537
- Serio, P. T. M. de. (2001). Porque sou behaviorista radical. In R. A. Banaco (Ed.), *Sobre comportamento e cognição: Aspectos teóricos metodológicos e de formação em análise do comportamento e terapia cognitiva* (pp. 17-29). Santo André, SP: Esetec.
- Sidman, M. (1976). *Táticas da pesquisa científica*. São Paulo: Brasiliense.
- Sidman, M. (2000). Equivalence relations and the reinforcement contingency. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 74(1), 127-146. doi:10.1901/jeab.2000.74-127
- Sidman, M. (2009). *Coerção e suas implicações*. Campinas: Livro Pleno.
- Sidman, M., & Tailby W. (2006). Discriminação condicional vs emparelhamento com o modelo: Uma expansão do paradigma de teste. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 2(1), 115-139. doi:10.18542/rebac.v2i1.808
- Simonassi, L. E., & Cameschi, C. E. (2003). O episódio verbal e a análise de comportamentos verbais privados. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 5(2), 105-119.
- Skinner, B. F. (1978). *Comportamento verbal*. São Paulo: Cultrix.
- Skinner, B. F. (1987). Why we are not acting to save the world. In B. F. Skinner (Ed.), *Upon further reflection* (pp. 1-14). New Jersey: Prentice-Hall.
- Skinner, B. F. (1991). *Questões recentes na análise comportamental*. Campinas: Papyrus.
- Skinner, B. F. (2001). *Sobre o behaviorismo*. São Paulo: Cultrix.

- Skinner, B. F. (2003). *Ciência e comportamento humano*. São Paulo: Martins Fontes.
- Skinner, B. F. (2007). Seleção por consequências. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 9(1), 129-137.
- Souza, C. B. A., & Brino, A. L. F. (2005). Comportamento verbal: Uma análise da abordagem skinneriana e das extensões explicativas de Stemmer, Hayes e Sidman. *Interação em Psicologia*, 9(2), 251-260. doi:10.5380/psi.v9i2.4796
- Todorov, J. C. (2007). A Psicologia como o estudo de interações. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23(spe), 57-61. doi:10.1590/s0102-37722007000500011
- Tourinho, E. Z. (1999). Estudos conceituais na análise do comportamento. *Temas em Psicologia da SBP*, 7(3), 213-222.
- Tourinho, E. Z. (2009). *Subjetividade e relações comportamentais*. São Paulo: Paradigma.
- Vieira, G. F. V., & Britto, I. A. G. S. (2009). Notas sobre o comportamento verbal. In R. C. Wielenska (Ed.), *Sobre comportamento e cognição: Desafios, soluções e questionamentos* (pp. 371-379). Santo André: Esetec.
- Vieira-Santos, J., & Souza, C. B. A. (2007). Categorização de verbalizações do processo terapêutico e o operante intraverbal. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 9(2), 261-275.
- Zamignani, D. R. (2007). *O desenvolvimento de um sistema multidimensional para a categorização de comportamentos na interação terapêutica*. (Doctoral dissertation). Universidade de São Paulo, São Paulo. doi:10.11606/T.47.2008.tde-21052009-091808

Recebido em 23/03/2017

Revisado em 27/02/2018

Aceito em 03/04/2018